

## A EDUCAÇÃO TÉCNICA EM PARNAÍBA: A UNIÃO CAIXEIRAL COMO SINTOMA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

LIMA, F. O. A.<sup>1</sup>  
DUARTE FILHO, G. E.<sup>2</sup>  
SANTOS, C. A. dos<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo enfoca a história da educação técnica em Parnaíba no período de 30 a 40 e a importância do “Colégio Comercial União Caixeiral” na formação educacional profissionalizante para o desenvolvimento dessa cidade, dialogando com as fontes escritas e os depoimentos coletados, dando visibilidade à sua inserção no meio social de Parnaíba, procurando apresentar a escola como um reflexo do crescimento econômico. Desse modo, pretende-se analisar quem eram os estudantes da União Caixeiral (de que grupos sociais vieram, qual a sua inserção na economia da região...)? Como a escola respondia ao desenvolvimento econômico da cidade (quais cursos e/ou modalidades de ensino oferecia)? Como os egressos da escola se fixavam no mercado de trabalho? Havia relação entre egressos da União Caixeiral e participação na política local? Este artigo não pretende esgotar o tema proposto e sim abrir espaço para novas discussões, uma vez que se encontra no âmbito das reflexões e de estudos preliminares, tendo como embasamento teórico: Petitat (1994), Durkheim (1995), Hilsdorf (2006), Magalhães (2004), Cortez (2004), Le Goff (2003), Mendes (2007), Lopes (2006) entre outros, que darão suporte para o objeto desse trabalho.

**Palavras-chave:** Instituição Escolar. Ensino Técnico. União Caixeiral. Desenvolvimento Econômico de Parnaíba.

### ABSTRACT

This article focuses on the history of technical education in the city of Parnaíba during the period 30-40 and the importance of the College of Commercial Union Caixeiral in educational professional development of the city, talking to the written sources and reports collected, giving visibility inserted in the social Parnaiba, trying to show the school as a reflection of economic growth, thus intends to examine who were the students of Caixeiral Union which social groups they came from, what their insertion in the region's economy as the school responded to economic development the city (including courses and / or education arrangements offered)? As the graduates did school fixated on the labor market? There was relationship between graduates of Union Caixeiral and participation in local politics? This article is not intended exhaust the proposed theme but make room for further discussions, since is under discussions and preliminary studies, with the theoreticals: Petitat (1994),

---

<sup>1</sup> Frederico Osanan Amorim Lima. Historiador. Mestre em História do Brasil (UFPI).

<sup>2</sup> Gilberto Escórcio Duarte Filho. Pedagogo, Bacharel em Direito, Especialista em Docência do Ensino Superior da UFPI. (086) 33224924/94546592; e-mail gibaduarte@hotmail.com

<sup>3</sup> Cleidivan Alves dos Santos. Pedagogo. Mestrando em Educação (UFPI).

Durkheim (1995), Hilsdorf (2006), Magellan (2004), Cortez (2004), Le Goff (2003), Mendes (2007), Lopes (2006) among others, that give support for this work.

**Keywords:** School Institution. Technical Education. Caixeiral Union. Economic Development Parnaíba.

## INTRODUÇÃO

Considera-se que a memória da Escola União Caixeiral está engendradora no cotidiano paraibano, desde a segunda década do século XX, como fonte geradora de fatos e discursos ideológicos de formação da sociedade e produção de uma cultura escolar, que dialoga intimamente com processos de sociabilidade que associa práticas discursivas, representações sociais, memórias e os processos educativos, retratando a protagonização do ideário de cento e vinte e dois rapazes, vinculados às atividades comerciais dos caixeiros viajantes. Fundado em 28 de abril de 1918, momento de intenso desenvolvimento local, a Sociedade Civil, União Caixeiral, na cidade de Parnaíba figurava como pólo dos negócios piauienses, por meio de seu porto marítimo onde eram feitas exportações para o centro sul do país e exterior.

A ideia dos visionários empreendedores tornou-se uma forma de amparar o grupo, formando mão-de-obra especializada na área contábil e congregando a categoria em função do desenvolvimento econômico que se registrava na cidade. Surgia, assim, a Escola Técnica de Comércio União Caixeiral, conforme ata lavrada em livro competente, e assinada em assembleia por seus sócios fundadores. O belo e imponente prédio, na Avenida Presidente Vargas, que teve o lançamento de sua pedra fundamental em sete de setembro de 1922 e término das obras em junho de 1937, tornou-se para a cidade não só uma audácia arquitetônica, mas um grande centro de formação de valores que se confunde com o desenvolvimento da própria cidade, “com laboratórios para aulas de física, química e ciências, uma biblioteca de bom acervo, máquinas de escrever, calcular e materiais didáticos para o bom desempenho do ensino” (MENDES, 2007, p. 98).

O empreendimento de tamanha envergadura possibilitou aos jovens a ascensão em certas posições de destaque na sociedade e no comércio, que crescia

vertiginosamente em números qualitativos e quantitativos, segundo registro dos Almanques da Parnaíba na época.

Estudar na União Caixeiral passou a representar a ostentação de uma condição de reconhecimento, tanto intelectual como financeiro, o que despertou nos cidadãos o desejo de fazer parte da plêiade dos ascendentes caixeiros, construindo então na mentalidade do parnaibano uma identidade de ligação entre a União Caixeiral e o progresso na vida pessoal e profissional.

A escola deixou marcas memoráveis na cultura da sociedade parnaibana, acompanhou grandes ciclos, irradiou seu nome com estudantes que se tornaram figuras do cenário nacional, mas dentro dos trâmites moderno, acabou não resistindo à inadimplência escolar, dentre outros problemas, que a levou fechar suas portas em 2006. Mesmo com seu fechamento, a escola União Caixeiral mantém a valorização dos bens culturais e continua a atrair grande número de pessoas que mantiveram forte identificação com a instituição.

Uma imagem de áureos tempos permanece ainda na mente de boa parte da população local, que visita o prédio, emociona-se em seus corredores, sobre suas escadarias, e reconstitui memórias ao observar os clássicos quadros que estampam os rostos dos formandos de cada turma, hoje parte do acervo do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba.

Com o encerramento das atividades educacionais da Escola União Caixeiral, não só o acervo da cultura material foi disperso, mas também a própria instituição, como lugar de memória, sofre a iminência de perda de suas formações identitárias.

A união Caixeiral, pela sua longa trajetória de 88 anos de atividade educacional, constitui-se, hoje, num rico acervo de objetos de memória em um lugar-memória a ser explorado por pesquisadores para a compreensão de questões que vão desde a inserção da escola no contexto educacional da cidade à relação da elite comercial no desenvolvimento do Estado.

## **MATERIAIS E MÉTODO**

Como construção dos nexos desse artigo, apoia-se na utilização da História Oral como fonte, por esta oferecer as possibilidades de investigação do conhecimento que se processa no convívio social, analisando a tradição

historiográfica centrada em documentos oficiais, possibilitando não só oferecer uma mudança do conceito de história, mas também garantindo sentido social à vida dos depoentes e leitores, que passaram a entender a sequência histórica da qual se sentem parte do contexto em que vivem. “A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O Narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em sua experiência dos que escutam.” (BOSI, 1994, p. 85).

O avanço da história oral se encaixa no âmbito das transformações da historiografia que passou a considerar as experiências particulares, deslocando a análise do geral para o específico, enfatizando com isso trajetórias de vida e projetos individuais. O relato pessoal passou a ser visto como fonte capaz de fornecer importantes dados sobre a experiência coletiva.

Buscando interagir com outras fontes, faz-se uso da pesquisa documental, analisando jornais e periódicos, os Almanques da Parnaíba, livros escolares, cadernetas, quadros de formatura, fotografias, livros de memórias, documentos oficiais, etc.

Dar-se-á certa valorização às fotografias, pois há um grande acervo a ser explorado. Na atualidade “a fotografia revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (LE GOFF, 2003, p. 460), enquanto produção e, por conseguinte, fonte para história.

[...] a imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informações maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos. (KOSSOY, 2001, p. 22).

No concernente à memória de escola, a principal referência teórica brasileira é Maria Cecília Cortez Christiano de Souza. Segundo ela, “a escola é um lugar de memória [...] as construções escolares são recados que as gerações passadas deixaram às presentes, em forma de monumentos, para não serem esquecidos.” (SOUZA, 2004, p. 7).

A memória, além de ser de fundamental importância também para a constituição, reconstituição e valorização dos professores e alunos que participaram do cotidiano escolar da União Caixeiral, na construção e manutenção como instituição de ensino na cidade de Parnaíba, proporciona uma fundamentação maior na investigação, pois de acordo com Burke (1992, p. 192) “a reminiscência pessoal

pode proporcionar uma atualidade e uma riqueza de detalhes que de outra maneira não podem ser encontradas”.

A memória, segundo Jacques Le Goff (2003, p. 469), “é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Na produção do artigo que enfoca a memória coletiva da Escola União Caixeiral, faz-se necessário ressaltar a importância do papel que a memória coletiva desempenha:

Enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em via de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. (LE GOFF, 2003, p. 469).

De acordo com Durkheim (1995), o conceito de educação está na observação dos sistemas de ensino do passado e presente, através de uma média comum, que é transmitido às futuras gerações por meio da consciência coletiva, procurando preparar o ser humano para o momento histórico de cada sociedade, tendo em vista a manutenção do seu desenvolvimento e interesses. Daí, conforme Petitat (1994), a escola é uma produção da sociedade, que em cada época histórica vai se adequando, surgindo para atender uma necessidade imediata.

Buscando a memória dos professores e alunos que passaram pela União Caixeiral, entenderemos como se dá essa relação desta instituição de ensino para com a sociedade parnaibana, pois segundo Ítalo Calvino (1990, p.14), “a cidade é feita entre as relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”.

A memória como evocação do passado nos termos do presente é a matéria-prima da História Oral e, na tentativa de conceituá-la, Delgado (2006) nos chama atenção para uma distinção e não oposição entre História e Memória. Embora ambas estejam preocupadas com a preservação do que se passou, a memória se liga mais à imaginação, ao vivido, enquanto que a História procura refletir sobre essas vivências. Mas esta distinção é muito tênue, pois a memória também traz consigo reflexões e do mesmo modo a História está ligada ao vivido. O que estabelece as fronteiras, na verdade, são os procedimentos e regras padronizados

pelos historiadores no fazer da História, que a memória em seu processar não possui. A memória possui vestígios do passado sobre os quais a História procura construir um conhecimento.

O estudo da instituição escolar ganha notoriedade na atualidade, principalmente com a observação de três grandes categorias, e a União Caixeiral preenche estes requisitos: Apropriação do modo como ela é consumida, vista pelos outros, identidade dela pelos outros; Materialidade como espaço escolar (arquitetura), passa pela compreensão, o modo como o prédio modifica a paisagem, como foi pensado, disciplinando os seus usos; Representação onde se fala da instituição através de seus arquivos, memória, o modo como ela se faz, diz de si.

Na sua acepção mais ampla, a história da escola procura corresponder à relação entre: culturas gerais e locais, sua simbolização, instrucionalização, normatização, transmissão; quadros, normas e atitudes nos planos social, grupal, individual, institucional, organizacional; ação/práticas didático-pedagógicas, representação, apropriação. (MAGALHÃES, 2004, p. 119).

A história da União Caixeiral necessita de um aprofundamento para uma compreensão do seu universo interno e externo com a cidade de Parnaíba, principalmente no período do Estado Novo de Vargas, quando a cidade vivenciou esses anos de forma intensa e progressista. Neste momento, constrói as bases de sua contemporaneidade, erguendo suas principais instituições; vive seu apogeu econômico, a formação de sua elite intelectual e sua autonomia política. O progresso parecia ser uma verdade inquestionável e nada poderia deter a onda de otimismo e desenvolvimento, em que a escola exerceu seu papel fundamental na formação de mão-de-obra especializada para o comércio, através da formação de guarda-livros. Segundo Mafra (2003), “a necessidade de se aprofundarem os processos sócios culturais na constituição histórica desses estabelecimentos, como condição de se colocarem corretamente seu significado social [...]”.

## **ESTUDANTES DA UNIÃO CAIXEIRAL E SUA INSERÇÃO NA ECONOMIA DA CIDADE**

A cidade de Parnaíba vivenciava na década de 30 o que se vinculou de segundo ciclo econômico, baseada na cera de carnaúba e babaçu, óleo de babaçu, óleo de tucum e pluma de algodão, tempos de progresso e afirmação de autonomia política e institucional. Dentre alguns acontecimentos desse período, podemos

destacar: a fundação do Rotary Club; do Lactário Suzanne Jacob; instalação da rede telefônica pela Ericsson do Brasil; a circulação no meio escolar do jornal Panorama Estudantil; a inauguração da Igreja de São Sebastião; dentre outros, que faziam aflorar cada vez mais seu apogeu na economia da região. Considerando o que diz Lauro Correia (2009):

Esta cidade nesse período na década de 30 e 40 atravessou um de seus períodos áureos, na minha vivência de 84 anos todos dedicados ao meu Estado e esta cidade e num estudo que fiz e que divulgo sob título de macroeconomia parnaibana realçando dois ciclos econômicos e o terceiro que está no início, este período que estamos a falar 30, 40, representou o período áureo do segundo ciclo econômico, a época da carnaúba, do óleo de babaçu, do óleo de tucum e da pluma de algodão. Parnaíba detinha naquela época uma posição privilegiada.

O comércio passou a ter um papel importante nesse processo, pois impulsionava e dava suporte ao progresso em vias de afirmação na cidade. A escola da União Caixeiral tinha como referência a preparação de profissionais para atuarem na área de comércio, com formação para trabalhar como auxiliar de escritório, termo empregado para caracterizar o estudante que se destinava a aprender o ofício de trabalho na área de comércio, mas, especificamente, de grande valia para o desenvolvimento de atividades que alavancavam o progresso e otimismo ascendente nesse contexto histórico em que se encontrava a cidade de Parnaíba.

Os estudantes da União Caixeiral eram advindos de todas as classes sociais, faziam parte ou tinham propósito profissional na área de atividades comerciais, em virtude da necessidade das empresas de mão-de-obra especializada, que formasse e oferecesse condições de desempenhar funções antes não tão operacionadas, levando-se em conta uma formação mais adequada ao comércio.

Com o advento da cultura humanista, observa-se que a burguesia no período sentiu a necessidade da importância de se qualificar, e de seus filhos também, no aprendizado dos saberes comerciais, que proporcionasse estudos que dessem formação especializada e uma continuidade dos negócios. Queriam aprender a escrita, precisavam de leituras e trabalhar na escrituração dos livros, para melhor manuseio com juros e o câmbio, tendo como resultado um bom desempenho de suas funções na área comercial, em virtude do intenso comércio que se instalava no período, como o advento das expansões marítimas e a

intensificação do comércio nos burgos, o que se chamou de educação profissional nas escolas urbanas. Em cidades onde artesãos e mercadores figuravam como principais membros da elite houve uma importância nos conteúdos a serem estudados e valorizados, causando certo desinteresse, no que diz respeito ao estudo da gramática latina e das artes liberais, as quais geralmente eram vinculadas a conteúdos aplicados em escolas de cunho religioso.

Para elas, o ensino mais necessário era, antes, aquele que preparava para o trabalho numa casa comercial, num banco ou num tabelionato, e foi na contratação de professores para estes saberes que se concretizou o bom governo das cidades. (HILSDORF, 2006, p. 158).

A escola Comercial União Caixeiral, assim conhecida nesse período, tinha uma característica parecida com o cuidado dos burgueses no aprendizado de conteúdos que contemplasse estudos de disciplinas ligadas a atividades comerciais, mas se diferenciava quanto ao interesse na formação do proprietário do negócio, ou seja, donos de comércios, pois tinham como foco principal a formação de mão-de-obra, ou seja, o funcionário com aptidões baseadas em estudos específicos na qualificação profissional para a atividade a ser desempenhada em seu estabelecimento comercial, procurando atender o mercado de trabalho da época.

Os alunos da escola que trabalhavam no comércio recebiam um desconto de 50% em suas mensalidades, priorizando, assim, a formação para a atividade comercial. Importante salientar que alunos que não tinham ligação nenhuma com o comércio, também podiam frequentar esse estabelecimento de ensino. Outro ponto a ser ressaltado é que os parentes dos sócios fundadores também tinham desconto de 50%, em casos de o aluno tirar o primeiro lugar, seja no primário ou no propedêutico, assim como no ensino de guarda-livros, recebia no ano seguinte bolsa integral. De acordo com relatos apurados, assim descreve professor José Nelson de Carvalho Pires (2009):

Aqui soube que a escola, quem podia pagar pagava, mas quem não podia, tinha que provar que trabalhava no comércio e tinha direito a 50% de abatimento. Se sabia que era uma escola boa e que o aluno aprendia bem, preparava para o comércio, quem quisesse ser guarda-livros, vai para a Caixeiral, lá aprende.....guarda-livros é que o hoje chama contador. (PIRES, 2009).

A escola Técnica de Comércio da União Caixeiral detinha um respaldo junto à sociedade parnaibana, quanto à formação de profissionais para a atividade comercial, o que levava seus alunos a terem posição de destaque na seleção de



novos funcionários para empresas na região norte do Piauí. Grande parte da elite parnaibana, a qual não migrava para os grandes centros, acabava ingressando na escola União Caixeiral, em virtude principalmente, do progresso comercial que a cidade passava no período a partir da década de 30. Passou-se a criar, juntamente com outras escolas de respaldo na cidade, uma elite intelectual participante da vida ativa da cidade, despertando interesse principalmente nas mulheres, que passaram a ter maior frequência nessa escola de ensino comercial.

Outra particularidade relacionada aos estudantes da Escola Técnica de Comércio da União Caixeiral era relacionado ao fardamento; em seus cursos, tanto de propedêutico como guarda-livros, era obrigatório a utilização do paletó e gravata para os homens e blusas que cobriam os ombros e braços e saias longas para mulheres.

## **CURSO E MODALIDADE DE ENSINO**

A União Caixeiral desde sua fundação em 1918, passou a atuar com o ensino primário e o que se vinculou chamar de ensino propedêutico, referência dada ao antigo curso ginasial, com duração de três anos, que ao final habilitava a trabalhar como auxiliar de escritório. Durante toda a década de 30, a referida escola desempenhou seu papel quanto à formação desse profissional, de grande valia nos estabelecimentos comerciais e de respaldo junto a sociedade parnaibana. Tinha seu corpo docente professores de renome na cidade nesse período como: Jose de Lima Couto – professor de Inglês; Yone Fonseca Pinto – Datilografia e Mecanografia; Dr. João Orlando de Moares Correia – Matemática; Edmée Amorim Rego – Ciências, dentre outros. Somente no Início dos anos 40, durante o Estado Novo, a escola passou a ter a primeira turma de guarda-livros, terminologia dada ao segundo grau, com duração de dois anos, formando, assim, sua primeira turma em 1942, dentre alguns formandos estão: Pedro Tobias Duarte, José Mendes Castelo Branco, Renato Santos, que como egressos na sociedade parnaibana tiveram grande êxito em suas atividades profissionais, conforme se encontra o quadro de formatura, atualmente exposto no Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba. Conforme Werle (2007), “a formatura é uma prática ritualizada que expressa a cultura escolar”.

[...] a fotografia ao ser veiculada, institui um código específico de comunicação que possui seus próprios signos, neste sentido, a foto é entendida como um “texto icônico”, a compreensão da imagem fotográfica como uma escolha possível em um universo de escolhas descartadas. (CIAVATTA, 2002, p. 56).

A União Caixeiral somente em 1937, quando a Divisão de Ensino Comercial, com sede no Rio de Janeiro, nomeou como inspetor de ensino o Dr. Raul Bacellar, passa a ter o seu curso propedêutico e guarda-livros autorizado, tendo seu primeiro exame de admissão em 1938, o que culminou com a formação da primeira turma em 1942, percorrendo um período de cinco anos, três para a conclusão do primeiro e dois para a conclusão do segundo.

De acordo com Lopes (2006), “a escola, um espaço de intensa produção documental, é, também, um espaço de substituição rápida da documentação, o que torna importante o uso de acervo documental particulares para o estudo da escolarização”. Daí se pesquisar de forma mais aprofundada os relatos como de Gilberto Duarte, baseado em seu acervo pessoal sobre o exame de admissão.

O exame de admissão era feito em forma de uma banca composta por três professores que aplicavam e davam o resultado final após análise das provas, nas modalidades escrita e oral. Dois davam a nota e um qualificava o candidato. (DUARTE, 2009).

No período de sua primeira admissão, a União Caixeiral tinha com seu diretor o professor Clodoveu Phelipe Cavalcante, que desempenhava suas atividades frente à escola, dentro do momento histórico do reconhecimento oficial de seus cursos. Vale ressaltar que somente após o ano de 1945 é que o curso de guarda-livros passou a ser reconhecido como curso técnico em contabilidade e o propedêutico passa a ser conhecido como curso ginásial, iniciando uma nova fase do ensino profissionalizante na história desse estabelecimento de ensino.

## **MERCADO DE TRABALHO E PARTICIPAÇÃO NA POLÍTICA LOCAL**

A escola, quando da sua atividade de ensino comercial, exerceu papel de fundamental importância na formação de profissionais para área do comércio da cidade. O nicho de mercado exigia a capacitação de mão-de-obra especializada, pois tinha uma grande demanda, já que fazia parte do apogeu econômico do segundo ciclo, mais precisamente, da cera de carnaúba, do óleo de tucum e babaçu e a palma de algodão. A formação se dava de forma centrada na preparação do

indivíduo para atuar no comércio local, constituindo a elite intelectual da época, tendo alguns se destacados no âmbito político local, por serviços prestados à sociedade parnaibana.

A formação de valores do processo de ensino dos alunos da União Caixeiral se dava formalmente, através de uma rígida disciplina em suas atividades diárias, o que respaldava junto a sociedade um apreço por seus alunos. De acordo com Lauro Correia (2009) em seu depoimento, ao falar a valorização do aluno formado na escola menciona:

Do conceito de estabelecimento, da importância que ele teve, em que nos dias de hoje, anteriormente, alguns dos que lá passaram, e os quadros de formatura que foram salvos, esses que se formaram toda vez que se desejava elogiar os alunos, o valor da escola, em função dos alunos por lá formados, vinha um nome de um ilustre parnaibano chamado João Paulo do Reis Velloso, e ele não escondia isso, de ter sido aluno da União Caixeiral, igualmente a ele, vários outros que certamente como o colégio era organizado deve ter catalogado esses alunos. A Juventude Parnaibana era toda ou grande parte conduzida para empresas comerciais e industriais da cidade, perfil dos estudantes era de formação para o trabalho nas empresas que aqui cresciam, as quais naquela época se costumavam destacar, eram elas: Casa Inglesa, Casa Marck Jacob, Moraes e Pedro Machado, eram as empresas maiores da cidade e até do próprio estado. E os alunos que estudavam na União Caixeiral eram formados para trabalhar nessas empresas. E o prestígio delas e o ganho que elas tinham, dos que nela trabalhavam era de tal ordem que naquela época se conheciam casos concretos, jovens que deixavam o estabelecimento do Banco do Brasil para Trabalhar na Casa Inglesa, no Moraes ou no Roland Jacob. Sem dúvida, a Caixeiral formava alunos com valor, era um ensino bem estruturado, bem organizado, que correspondia às expectativas dos empresários. Daí a cidade foi pujante e foi forte. (CORREIA, 2009).

É importante lembrar o papel que os alunos exercem dentro da instituição escolar. De acordo com Sacristán (2005), a escola, “estas devem acolher as pessoas e os interesses de toda a sociedade, em vez dos alunos terem de estar a serviço delas”. O que faz entender a necessidade do momento histórico local no estudo comercial realizado pela União Caixeiral, preenchendo, assim, uma demanda de aquisição de profissionais capacitados.

A abordagem cultural das instituições escolares considera-as como coletividades sociais nas quais as pessoas desenvolvem padrões ritualizados de comunicação (KREPS apud GONZÁLEZ, 1989, p. 107), são construções sociais únicas pelo partilhar símbolo, significados, crenças e valores em comum. Tal perspectiva cultural identifica regras e convenções de cultura que formatam processos sociais, o que os torna inteligíveis para as pessoas que constituem a organização e para o mundo exterior. (WERLE, 2007).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É incontestável o fato de que a União Caixeiral dispõe de um modelo de escola que teve participação ativa no processo de transformação da realidade social do período de ascensão da educação técnica na cidade de Parnaíba, a partir da década de 30 e principalmente durante o Estado Novo. Destaca-se, ainda, a existência de uma pesquisa já realizada sobre a União Caixeiral, que integra a arte do conhecimento, privilegiando, no entanto, em grande medida os aspectos de cunho econômico, os quais ficam evidenciados em sua importância quanto à formação dos alunos desse estabelecimento de ensino e sua importância quando egresso junto à sociedade parnaibana.

Nosso foco também evidencia as produções culturais, memória de formação e as experiências sociais, dos homens e mulheres que não tiveram sua inserção nos processos históricos e construíram a história e memória da escola, considerada como objeto para compreensão da história da educação brasileira.

Um processo contínuo de aprendizagens, fato que produz uma perspectiva otimista quanto à capacidade de análises críticas sobre a União Caixeiral e os sintomas do ensino técnico no desenvolvimento da cidade de Parnaíba.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: A fotografia como fonte histórica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CORREIA, Lauro de Andrade. **Entrevista** concedida ao pesquisador Gilberto Escórcio Duarte Filho, jan. de 2009.

DELGADO, Lúcia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUARTE, Gilberto Escórcio. **Entrevista** concedida ao pesquisador Gilberto Escórcio Duarte Filho, jan. de 2009.

DURKHEIM, Émile. **A evolução pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **O aparecimento da escola moderna: uma história ilustrada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. A escrita autobiográfica: os documentos pessoais e a história da educação. In: NASCIMENTO, Alcides; VAINFAS, Ronaldo (Org.) **História e historiografia**. Recife: Bagaço, 2006. p. 11-30.

MAFRA, Leila de Alvarenga. A Sociologia dos estabelecimentos escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em re-construção. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Pinto de Carvalho (Org.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.109-136.

MAGALHÃES, Justino. Tecendo nexos: história das instituições educativas. In: SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei (Org.). **História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas(SP): Autores Associados, 1999. p. 67-72.

MENDES, Francisco Iweltman Vasconcelos. **Parnaíba educação e sociedade**. 2. ed. Parnaíba: Sieart, 2007.

PIRES, José Nelson de Carvalho. **Entrevista** concedida ao pesquisador Gilberto Escórcio Duarte Filho, jan. de 2009.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **Escola e Memória**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

WERLLE, Flávia Obino Corrêa; BRITTO, Lenir Miranda Trindade de Sá; COLAU, Cinthia Merlo. Espaço escolar e História das instituições escolares. **Diálogo educacional**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 147-163, set./dez.2007. Disponível:< [www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=1579&dd99](http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=1579&dd99). Acesso em: 10 ago 2010.